

# APRESENTAÇÃO

8 Am F<sup>7</sup> E<sup>7</sup> A<sup>7</sup>  
pranto de quem já Tan-to so-freu Canto pa-ra a-nunci - ar o di  
Es - tou ajo-e - lhando Aos pés de Deus Canto porque nu-ma me-lo-di  
15 D<sup>7</sup>sus<sup>4</sup> D<sup>7</sup> G<sup>7</sup> C<sup>7</sup>sus<sup>4</sup> C<sup>7</sup> F<sup>7</sup>  
- a Canto pa-ra ameni-zar a noi - te Canto pra de-nunci -  
- a A - cendo no co-ra-ção do po - vo A es-pe - rança de um  
22 B<sup>9</sup> E<sup>7</sup> Am  
ar o açoi - te Canto também contra ti - ra-ni - a  
mun - do  
29 B<sup>9</sup> B<sub>b</sub><sup>7</sup> Am B<sup>9</sup> E<sup>7</sup> Am E<sup>7</sup>  
no - vo E a lu - ta pa - ra se vi - ver em paz!

*Canto para anunciar o dia  
Canto para amenizar a noite  
Canto pra denunciar o açoite  
Canto também contra a tirania*

*Canto porque numa melodia  
Acendo no coração do povo  
A esperança de um mundo novo  
E a luta para se viver em paz  
In. "Minha missão", de Paulo César Pinheiro e  
João Nogueira.<sup>12</sup>*

Os versos de Paulo César Pinheiro e João Nogueira, que podemos ler na epígrafe desta apresentação, evidenciam os motivos que levam o eu-lírico a cantar, e por extensão o/a autor/a a compor, o/a pesquisador/a a investigar. Se observamos apenas a lírica, são versos octossílabos com rimas finais alternadas, sendo que, do ponto de vista da estrutura gramatical, o cantar se expande por meio de orações subordinadas adverbiais finais reduzidas de infinitivo e de seus objetos – “anunciar o dia”, “amenizar a noite”, “denunciar o açoite”, cantar “contra a tirania”. O “canto”, contudo, não se realiza apenas por meio da modalidade verbal, mas precisa da música, para alcançar a completude expressiva da canção – “porque numa melodia”. A análise da partitura desta composição e da interpretação de Clara Nunes, na primeira gravação da canção “Minha missão”<sup>3</sup>, permite-nos acessar a progressão também dos motivos musicais melódicos e rítmicos que vão sendo repetidos, mas a partir de modulações seguindo as cadências harmônicas em sentido descendente – do dia para a noite, do agudo para o grave –, constituindo camadas de significação mais densas, a cada verso e a cada repetição de motivo musical. Essa densidade também é encontrada no movimento que parte do canto do eu lírico e se espalha para “o povo” que por meio da fruição artística pode esperançar e lutar.

A obra que nos serve de olho para o 67º número da Revista Cerrados sobre o cancioneiro brasileiro evidencia a complexidade do objeto canção, como um macrogênero multimodal, bem como explícita e sua centralidade para a formação histórica, cultural e identitária brasileira. Nossa país tem uma destacada e prolífica produção de canções populares que remonta o desenvolvimento dos primeiros gêneros genuinamente brasileiros no século XVIII, tais como o maxixe e o lundu (Andrade, 1928) dos quais derivaram inúmeros gêneros musicais, e aos quais se amalgamaram multimodalmente expressões líricas, perfazendo as primeiras canções brasileiras (Borges, 2024).

Considerando o aspecto centralmente oral de nossa(s) cultura(s) atravessada(s) pela colonialidade e informadas pela reexistência afro e indigenorreferenciadas, o cancioneiro popular brasileiro possibilitou a materialização de processos sócio-históricos em formas estéticas a partir da produção de canções populares. Esses processos adensaram-se a partir das contradições da modernização tardia (Bastos, 1999) e favoreceram, a partir do desenvolvimento da tecnologia do fonograma, a constituição de um sistema canacional brasileiro (Tatit, 2012), para o qual cooperaram e conver-

1 PINHEIRO, Paulo César; NOGUEIRA, João. Minha Missão. In. CLARA. Intérprete: NUNES, Clara. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda, 1981, 1 disco de vinil, lado b, faixa 6 (3 min. 25 s.). Disponível em: <<https://secondhandsongs.com/performance/1090379/versions>>. Acesso em: 29 abr. 2025.

2 Partitura de João Maud Sekler, disponível em: <<https://pt.scribd.com/user/246585629/joaomauadseckler>>. Acesso em 30 abr. 2025.

3 Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/minha-miss%C3%A3o/1442283154?i=1442283436>>. Acesso em: 29 abr. 2025

---

gem compositoras/es, intérpretes, produtores/as culturais, agentes de gravadoras, público consumidor, entre outros.

Assim, a produção de conhecimentos sobre a canção popular brasileira impõe um conjunto de desafios a pesquisadoras/es e artistas por sua alta complexidade, demandando abordagens igualmente complexas inter e transdisciplinares, em especial em literatura, linguística, música, sociologia, antropologia e historiografia. Essa complexidade exige, para além do diálogo teórico entre diferentes áreas do saber, um esforço metodológico que possibilite o estudo das canções considerando seu caráter multimodal lírico-musical.

Nessa perspectiva, buscando estruturar um espaço de encruzilhada de saberes (Oliveira, 2007), elaboramos a proposta de dossiê “Tramas dialógicas do cancioneiro brasileiro: estudos em literatura, linguística e música”, que, agora, chega ao público a partir de 23 trabalhos de 37 pesquisadoras/es que contribuem sobremaneira para o debate sobre a potência do cancioneiro a partir de diferentes áreas do conhecimento. Compreendendo essa pluralidade, propusemos quatro eixos temáticos em que agrupamos os artigos, visando favorecer a leitura e o estudo dos textos em uma perspectiva dialógica.

Assim, no primeiro eixo, “O Cancioneiro e(m) outras artes e abordagens intersemióticas para o estudo da canção”: Adonai de Holanda Padilha Andrelino e Antenor Ferreira Corrêa constroem um estudo a partir de aportes musicológicos e dos estudos semânticos, aportando um significativo conjunto de ferramentas metodológicas para o estudo da canção, em “Parabolicamará: análise musical orientada por conceitos da semiótica da canção”; Leonardo Davino de Oliveira e Leonardo Freitas de Carvalho analisam hibridações de gênero e técnicas de composição no texto “Consonantes e dissonantes: uma breve investigação das práticas corais na obra tropicalista de Caetano Veloso”; Maria Cristina Cardoso Ribas e Rosana da Silva Malafaia Sanches propõem um estudo contrastivo, evidenciando estruturas literárias do cordel na conformação de canções, em “Do romanceiro ao cancioneiro: uma análise intermediática de canções de Zé Ramalho”; Robson Coelho Tinoco e Myrrla Muniz constituem uma análise aproximando os campos da literatura e do cancioneiro, tendo como conceito chave a melopoética em “Compositor de poemas: Chico Buarque e uma melopoética cultural contemporânea”; Maria Alice Ribeiro Gabriel, em “O cancioneiro de Guimarães rosa”, bem como Ramiro Machado e Rejane Pivetta de Oliveira, em “No ritmo da canção: travessia musical no grande sertão: veredas”, propõem estudos sobre musicalidade na obra prima de Guimarães Rosa, focalizando a canção na gênese de ideias e estruturas literárias; Nilo Pereira Junior e Lucia Maria Assis apresentam uma análise da hibridação entre o gênero telenovela e o repente “Cenas do próximo capítulo!” fatores de textualidade no uso do repente nordestino no resumo da telenovela ‘Mar do sertão’”; e José Fernando Marques apresenta um estudo sobre a estruturação cênica a partir de gêneros musicais afrorreferenciais, focalizando a articulação de diferentes semioses em “A metáfora insubmissa em Sortilégio, de Abdias nascimento”.

No segundo eixo, “Aspectos formativos do sistema canacional brasileiro”, Franklin Martins constitui um estudo sobre o potencial do cancioneiro para conservar saberes e vivências históricas ao mesmo tempo em que permite o questionamento e a luta contra desigualdades sociais em “Do ‘Pai João’ às ‘Laranjas da Sabina’: escravidão e resistência nos tempos do Império”; Vitor Fernando Perilo Vitoy retoma as contribuições de Mário de Andrade, focalizando o cancioneiro como instrumento de formação da identidade nacional e arcabouço historiográfico, em “‘E o grande rio da música brasileira, de norte a sul, regando a terra’: o trabalho didático de Mário de Andrade no campo musical”; Alexandre Pilati analisa aspectos estéticos historicamente engendrados pela frustração do projeto nacionalista que moveu intelectuais e artistas no início do século XX em obras do começo do século XXI, no artigo “Parâmetros para a leitura crítica da canção na obra tardia de Chico Buarque”; George Antonio Correia Feitosa e Edson Soares Martins propõe uma análise sobre o desenvolvimento do pensamento enraizado nas vivências do mangue e que se realiza esteticamente por meio do cancioneiro do movimento manguebit, em “Modernidade e revolução em monólogo ao pé do ouvido, de Chico Science & Nação Zumbi”; Marcos do Amaral Ramos Júnior apresenta o conceito de irreconciliação como chave analítica para o estudo do cancioneiro que brasileiro a partir de uma perspectiva crítica afrodispórica, em “Modernismos, pacto social e estética da irreconciliação na obra de Jorge Ben Jor”; e, Fernando Rodrigues da Costa e Camila Rodrigues focalizam a confluência de influências estéticas em uma obra da segunda década do século XXI, no estudo “O tradicional e o moderno em Caetano Veloso: uma análise da canção ‘não vou deixar’, do álbum meu coco (2021)”.

---

No terceiro eixo, “Estudo de gênero e o cancionheiro brasileiro”: Angela Teodoro Grillo e Fabricia Paraiso de Araújo perfazem uma análise de *corpora* de cantos e poesias seissentistas, focalizando como mulheres foram representadas a partir de discursos que cerceiam o potencial identitário em moldes socialmente execrados e padrões socialmente aceitos, em “Apontamentos sobre a imagem da mulher na poesia brasileira de matriz colonial: dicotomias via ibérica”; Adriana Lins Precioso e Marcilene Cavalcante da Silva Cervantes focalizam a constituição de personagens que atuam como eu-lírico nas composições buarqueanas, focalizando a violência como um eixo estruturante de identidades de mulheres mães, em “As dores da maternidade ferida em canções do Chico Buarque”; e Felipe Rodrigues Echevarria propõe um estudo lexicográfico e discursivo sobre a perpetuação da violência simbólica contra mulheres a partir do cancionheiro gaúcho, em “Entre verbetes e canções: gênero e raça na definição de Morocha.

No quarto eixo, “Aspectos performativos, divertimentos e a fruição coletiva”, Vinícius Rangel Bertho da Silva e Beth Brait apresentam uma análise sobre processos compostionais, de Gilberto Gil, e interpretativos, de Nara Leão, na forja do debate sobre a sociedade por meio do cancionheiro brasileiro, em “Entre a ética e a estética, o ato responsável em “Lindoneia”; Júlio Teixeira de Souza e Fábio Andre Cardoso Coelho focalizam a fruição coletiva em contextos de divertimento popular a partir de chaves analíticas da linguística, em “O cancionheiro dos sambas-enredo como expressão linguística de anseios do povo: a catarse na situacionalidade do carnaval”; Acauam Oliveira apresenta uma análise sobre o papel central do bloco Cacique de Ramos na estruturação de uma resposta à padronização imposta pelo modelo competitivo do Carnaval das escolas de samba e promove um espaço plural para o desenvolvimento de gêneros derivados do samba nos anos 1990 em “Doce refúgio: Fundo de Quintal e a formação do pagode moderno”; Franco Berwanger da Rosa e Denise Blanco Sant’Anna refletem sobre a constituição identitária de MCs e do público que frui de performances em batalhas de rima que são lócus de fortalecimento comunitário por meio do lúdico, em “RAP e batalhas de MCs: entre o entretenimento, o poder e o alívio cômico”; e, Leonardo Lopes Lourenço do Rio e Gerardo Silveira Viana Jr. refletem sobre abordagens didáticas para o letramento artístico por meio do trabalho com artes visuais e música favorecendo o contato com a performance e a fruição estéticos no contexto da educação básica, em “Canto coral e cancionheiro brasileiro: experiência interarte na aula de artes regular”.

Agradecemos às/ aos autores/as, à resenhista Ana Clara Magalhães de Medeiros, às/ aos parceiros, cujo trabalho voluntário é fundamental para garantir a qualidade da produção científica desta publicação, e ao editor chefe da Revista Cerrados, Prof. Dr. Gabriel Pinezi que nos brindou com a capa e a diagramação da revista, além de ter nos apoiado a cada passo na construção deste número da revista Cerrados.

Esperamos que esta coletânea possa fomentar o desenvolvimento de diálogos entre diferentes matrizes de conhecimento e o desenvolvimento dos estudos sobre uma das maiores riquezas culturais que nosso país pode desenvolver: o cancionheiro.

Desejamos a todos/as boas leituras e inquietações criativas!

## **Os organizadores**

Profa. Dra. María del Pilar Tobar Acosta  
Prof. Dr João Vianney Cavalcanti Nuto

## **REFERÊNCIAS**

- CORDEIRO, Alessandro Borges. A obra para violão solo de Dilermando Reis: estudo estilístico, transcrição de gravações e revisão de partituras publicadas. 2024. 300 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2024.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007a.
- NUNES, Clara. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda, 1981, 1 disco de vinil, lado b, faixa 6 (3 min. 25 s.). Disponível em:
- PINHEIRO, Paulo César; NOGUEIRA, João. **Minha Missão**. In. CLARA. Intérprete: TATIT, Luiz. **O Canionista**: composição de canções no Brasil. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Edusp, 2012.